



OS BRIDGERTONS — 9

Julia Quinn

E VIVERAM FELIZES PARA SEMPRE





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Para os meus leitores,
que nunca deixaram de perguntar:
“E depois, o que aconteceu?”

E também para Paul,
que nunca deixou de dizer:
“Mas que ótima ideia!”

SUMÁRIO

O duque e eu: O segundo epílogo	11
O visconde que me amava: O segundo epílogo	41
Um perfeito cavalheiro: O segundo epílogo	65
Os segredos de Colin Bridgerton: O segundo epílogo	89
Para Sir Phillip, com amor: O segundo epílogo	119
O conde enfeitado: O segundo epílogo	139
Um beijo inesquecível: O segundo epílogo	167
A caminho do altar: O segundo epílogo	191
O florescer de Violet: Um conto	219

ÁRVORE GENEALÓGICA DA FAMÍLIA BRIDGERTON

VIOLET LEDGER c. EDMUND BRIDGERTON
1766-1803

ANTHONY
1784-
*O visconde que me
amava*
Livro 2

COLIN
1791-
*Os segredos de
Colin Bridgerton*
Livro 4

ELOISE
1796-
*Para Sir Phillip,
com amor*
Livro 5

GREGORY
1801-
*A caminho
do altar*
Livro 8

BENEDICT
1786-
*Um perfeito
cavalheiro*
Livro 3

DAPHNE
1792-
O duque e eu
Livro 1

FRANCESCA
1797-
*O conde
enfetificado*
Livro 6

HYACINTH
1803-
*Um beijo
inesquecível*
Livro 7

Caro leitor,

Você alguma vez já se perguntou o que aconteceu com seus personagens favoritos depois de virada a última página? Ficou querendo um pouco mais de seu romance preferido? Eu já e, pelas minhas conversas com os leitores, sei que não sou a única. Então, após inúmeros pedidos, revisei os livros da série Os Bridgertons e dei a cada um deles um segundo epílogo – a história que vem *depois* da história.

Para aqueles que não leram os livros da série, devo avisar que alguns desses segundos epílogos podem não fazer muito sentido sem que se tenha lido antes o romance correspondente. Para aqueles que leram os romances originais, espero que gostem de conhecer estes contos tanto quanto gostei de escrevê-los.

Com carinho,
Julia Quinn



O DUQUE E EU



No meio de *O duque e eu*, Simon se recusa a aceitar um pacote de cartas escritas para ele por seu falecido pai, um homem que o tratava com indiferença. Daphne, prevendo que ele pudesse um dia mudar de ideia, pega as cartas e as esconde, mas, quando as oferece a Simon no final do livro, ele decide não abri-las. Inicialmente, eu não pretendia que ele fizesse isso – sempre imaginei que haveria algo muito importante nessas cartas. Mas, quando Daphne as entregou, ficou claro para mim que Simon não precisava ler as palavras do pai. Finalmente não importava mais o que o falecido duque pensava sobre ele.

Os leitores queriam saber o que havia nas cartas, mas devo confessar: eu, não. O que me interessava era o que seria necessário para fazer Simon *querer* lê-las...

O DUQUE E EU:

O segundo epílogo

Matemática nunca foi o forte de Daphne Basset, mas com certeza ela sabia contar até trinta e, como trinta era o número máximo de dias que normalmente transcorriam entre suas regras mensais, o fato de ela estar consultando o calendário em sua mesa e contando até 43 era motivo de alguma preocupação.

– Não é possível – disse ela ao calendário, meio esperando que ele respondesse.

Sentou-se devagar, tentando lembrar os acontecimentos das últimas seis semanas. Talvez tivesse contado errado. Tinha sangrado enquanto visitava a mãe, e isso havia sido nos dias 25 e 26 de março, o que significava que... Ela contou novamente, tocando com o indicador cada quadrinho do calendário.

Quarenta e três dias.

Ela estava grávida.

– Santo Deus.

Mais uma vez, o calendário tinha pouco a dizer sobre o assunto. Não. Não, não podia ser. Tinha 41 anos. Não que nenhuma mulher na história do mundo tivesse dado à luz aos 42 anos, mas já haviam se passado dezessete anos desde a sua última gravidez. Dezessete anos de prazerosas relações com o marido durante os quais eles não tinham feito nada – absolutamente nada – para impedir a concepção.

Daphne simplesmente acreditara que não era mais fértil. Tivera seus quatro filhos em rápida sucessão, um por ano durante os quatro primeiros anos do casamento. Então... nada.

Ficara surpresa ao perceber que o filho mais novo completara 1 ano e ela não estava grávida novamente. Então ele fizera 2 anos, depois 3, e sua barriga não mais crescera, e Daphne olhara para sua prole – Amelia, Belinda, Caroline e David – e concluía que tinha sido abençoada além do que podia esperar. Quatro filhos saudáveis e fortes, entre os quais um

garotinho robusto que um dia assumiria o lugar do pai como o duque de Hastings.

Além disso, Daphne não gostava particularmente de ficar grávida. Seus tornozelos inchavam e as bochechas ficavam cheias, e seu trato digestivo fazia coisas pelas quais ela não desejava passar mais uma vez. Pensou na cunhada Lucy, que ficava radiante durante a gestação – o que era ótimo, já que Lucy no momento estava no décimo quarto mês de gestação do quinto filho.

Ou nono mês, como era o caso. Mas Daphne a vira apenas alguns dias antes, e ela *parecia* estar grávida de catorze meses.

Enorme. Espantosamente enorme. Mas ainda assim radiante, e com os tornozelos incrivelmente graciosos.

– Eu não posso estar grávida – disse Daphne, colocando a mão na barriga plana.

Talvez estivesse passando pela mudança. Quarenta e um anos parecia um pouco cedo, mas essa era uma das coisas sobre as quais as pessoas nunca falavam. Talvez muitas mulheres deixassem de menstruar aos 41.

Ela devia estar feliz. Grata. Sangrar todo mês era mesmo um incômodo.

Ouviu passos vindo em sua direção no corredor e rapidamente deslizou um livro por sobre o calendário, embora não fizesse ideia do que pensava estar escondendo. Era apenas um calendário. Não havia um grande X vermelho, seguido da anotação “Sangrei hoje”.

Seu marido entrou na sala.

– Ah, que bom, finalmente a encontrei. Amelia está procurando você.

– Está me procurando?

– Se existe um Deus misericordioso, ela não está procurando por *mim* – rebateu Simon.

– Ah, céus – murmurou Daphne.

Normalmente teria uma resposta mais inteligente, mas sua mente ainda estava envolta no conflito “talvez grávida, talvez velha”.

– Algo sobre um vestido.

– O rosa ou o verde?

Simon a encarou.

– Sério?

– Não, é claro que você não saberia – respondeu ela distraidamente.

Ele pressionou os dedos nas têmporas e afundou em uma cadeira próxima.

– Quando ela vai se casar?

– Depois que ficar noiva.

– E quando vai ser isso?

Daphne sorriu.

– Ela teve cinco propostas no ano passado. Foi você quem insistiu para que ela esperasse para se casar por amor.

– Não ouvi você discordar.

– Eu não discordo.

Ele suspirou.

– Como foi que conseguimos ter três meninas na sociedade ao mesmo tempo?

– Diligência procriadora no início do nosso casamento – respondeu Daphne com atrevimento, então se lembrou do calendário em sua mesa.

Aquele com o X vermelho que ninguém podia ver, a não ser ela.

– Diligência, hein? – Ele olhou para a porta aberta. – Uma escolha interessante de palavras.

Ela viu a expressão no rosto dele e sentiu que estava corando.

– Simon, estamos no meio do dia!

Os lábios dele se abriram lentamente em um sorriso.

– Não me lembro de isso nos deter quando estávamos no auge da nossa diligência.

– Se as meninas subirem...

Ele ficou de pé num pulo.

– Vou trancar a porta.

– Ah, pelo amor de Deus, elas vão *saber*.

Ele trancou a porta com um clique decisivo e se virou para ela com uma das sobranceiras arqueada.

– E de quem é a culpa?

Daphne recuou. Só um pouquinho.

– De jeito nenhum vou deixar que minhas filhas se casem tão irremediavelmente ignorantes como eu era.

– Encantadoramente ignorante – murmurou ele, cruzando o quarto para pegar a mão dela.

Ela deixou que ele a puxasse para ficar de pé.

– Você não achou tão encantador quando imaginei que você fosse impotente.

Ele fez uma careta.

– Muitas coisas na vida são mais encantadoras depois que passa algum tempo.

– Simon...

Ele roçou o nariz na orelha dela.

– Daphne...

A boca dele se moveu ao longo da linha do pescoço dela, e Daphne se sentiu derreter. Vinte e um anos de casamento e ainda...

– Pelo menos feche as cortinas – murmurou ela.

Não que alguém pudesse ver lá dentro com o sol brilhando tão forte, mas ela se sentiria mais confortável. Afinal, estavam no meio da Mayfair, com todo o seu círculo de amizades muito provavelmente passeando bem diante da janela.

Ele foi depressa até a janela, mas fechou apenas o fino forro.

– Gosto de ver você – disse ele com um sorriso travesso.

E então, com notável rapidez e agilidade, Simon cuidou de tudo a fim de vê-la *completamente*, e logo ela estava na cama, gemendo baixinho enquanto ele beijava a parte de dentro de seu joelho.

– Ah, Simon – suspirou Daphne.

Ela sabia exatamente o que ele ia fazer em seguida. Ia começar a subir, beijando e lambendo ao longo de sua coxa. E fazia isso *tão* bem.

– No que você está pensando? – murmurou ele.

– Agora? – perguntou ela, piscando para tentar despertar de seu estado de embriaguez.

Ele estava com a língua na sua virilha e achava que ela conseguia *pensar*?

– Você sabe no que estou pensando? – perguntou ele.

– Se não for em mim, vou ficar terrivelmente decepcionada.

Ele riu, moveu a cabeça para poder beijar de leve seu umbigo, então deslizou para cima até roçar os lábios suavemente nos dela.

– Eu estava pensando em como é maravilhoso conhecer tão completamente outra pessoa.

Ela o abraçou. Não pôde evitar. Enterrou o rosto na curva quente do pescoço dele, sentiu seu cheiro familiar e disse:

– Eu amo você.

– Eu adoro você.

Ah, então ele ia fazer daquilo uma competição? Ela se afastou, apenas o suficiente para dizer:

– Eu gosto de você.

Ele arqueou uma das sobrancelhas.

– Você *gosta* de mim?

– Foi o melhor que consegui fazer assim tão rápido. – Ela encolheu de leve os ombros. – E, além disso, gosto mesmo.

– Muito bem. – Os olhos dele escureceram. – *Eu venero* você.

Os lábios de Daphne se entreabriram. O coração dela bateu forte, depois pareceu dar um salto, e qualquer habilidade que pudesse ter para encontrar um sinônimo desapareceu de repente.

– Acho que você ganhou – disse ela, a voz tão rouca que mal conseguiu reconhecê-la.

Ele a beijou mais uma vez, de um jeito demorado, quente e extremamente doce.

– Ah, eu sei que sim.

A cabeça dela tombou para trás quando ele fez o caminho de volta para sua barriga.

– Você ainda tem que me venerar – disse ela.

Ele se moveu mais para baixo.

– Nisso, Vossa Graça, sou seu eterno servo.

E essa foi a última coisa que eles disseram por um bom tempo.



Alguns dias depois, Daphne se viu olhando para o calendário outra vez. Fazia 46 dias agora desde sua última regra, e ela ainda não tinha dito nada a Simon. Sabia que devia, mas parecia um pouco prematuro. Podia haver outra explicação para o atraso – ela só tinha de lembrar da última visita à mãe. Violet Bridgerton se abanava constantemente, insistindo que o ar estava sufocante, embora Daphne achasse que a temperatura estava perfeitamente agradável.

Na única vez em que Daphne pedira a alguém que acendesse uma das lareiras, Violet a contradissera com tal ferocidade que Daphne meio que esperara que ela partisse para proteger a lareira com um atizador.

– Não acenda sequer um fósforo – rosnara Violet.

Ao que Daphne sabiamente respondera:

– Acho que vou buscar um xale. – Olhou para a criada da mãe, tremendo ao lado da lareira. – Hã, e talvez você devesse fazer o mesmo.

Mas ela não estava sentindo calor *agora*. Ela sentia...

Não sabia como se sentia. Perfeitamente normal, na verdade. O que era suspeito, já que nunca se sentira nem um pouco normal nas outras vezes em que estivera grávida.

– Mamãe!

Daphne virou depressa o calendário e ergueu os olhos da escrivaninha bem a tempo de ver sua segunda filha, Belinda, parada à entrada do cômodo.

– Entre – disse Daphne, feliz com a distração. – Por favor.

Belinda se sentou em uma cadeira confortável próxima, seus olhos azul-claros encontrando os da mãe com sua franqueza habitual.

– A senhora precisa fazer algo com relação a Caroline.

– *Eu* preciso? – perguntou Daphne, sua voz se demorando ligeiramente no “eu”.

Belinda ignorou o sarcasmo.

– Se ela não parar de falar sobre Frederick Snowe-Mann-Formsby, vou enlouquecer.

– Não pode simplesmente ignorá-la?

– O *nome* dele é Frederick Snowe... Mann... *Formsby*!

Daphne piscou.

– Snowe Mann, mamãe! Boneco de neve!

– Realmente é uma falta de sorte – concedeu Daphne. – Mas, Lady Belinda Basset, não se esqueça de que você poderia ser comparada a um cão de caça de olhos caídos.

O olhar aborrecido de Belinda deixou claro que alguém de fato já a comparara a um basset hound.

– Ah – disse Daphne, um pouco surpresa pelo fato de a filha nunca ter lhe contado isso. – Eu sinto muito.

– Foi há muito tempo – disse Belinda, torcendo o nariz. – E eu lhe asseguro de que não foi dito mais de uma vez.

Daphne cerrou os lábios, tentando não rir. Definitivamente não era nada adequado encorajar brigas, mas como ela mesma tivera uma vida

atribulada até chegar à idade adulta, dividindo a casa com sete irmãos, quatro deles meninos, não conseguiu deixar de dizer baixinho:

– Muito bem.

Belinda assentiu de forma régia, e em seguida disse:

– Vai conversar com Caroline?

– O que quer que eu diga?

– Não sei. Aquelas coisas que costuma falar. Sempre parecem funcionar.

Havia um elogio ali em algum lugar, Daphne tinha certeza, mas, antes que pudesse dissecar a frase, sentiu seu estômago revirar de um jeito horrível, em seguida se contrair de forma estranha e então...

– Com licença! – gritou ela, e correu para o banheiro bem a tempo de alcançar o urinol.

Ah, meu Deus. Aquilo não era a mudança. Ela estava grávida.

– Mamãe?

Daphne balançou a mão pra Belinda, tentando fazê-la ir embora.

– Mamãe? A senhora está bem?

Daphne vomitou de novo.

– Vou chamar o papai – anunciou Belinda.

– Não! – Daphne praticamente uivou.

– Foi o peixe? Porque achei que o peixe estava com um gosto um pouco duvidoso.

Daphne assentiu, esperando que aquilo encerrasse a conversa.

– Ah, espere um momento, a senhora não comeu peixe. Eu me lembro muito claramente.

Céus, a terrível Belinda e sua maldita atenção aos detalhes!

Não era o mais maternal dos sentimentos, Daphne pensou enquanto mais uma vez seu estômago se revirava, mas não estava se sentindo particularmente tolerante naquele momento.

– A senhora comeu pombo. Eu comi peixe, e David também, mas você e Caroline só comeram pombo, e acho que papai e Amelia comeram os dois, e todos nós tomamos a sopa, embora...

– Pare! – implorou Daphne.

Ela não queria falar sobre comida. Só de ouvir...

– Acho melhor eu chamar o papai – disse Belinda novamente.

– Não, estou bem – disse Daphne, sem ar, ainda agitando a mão atrás de si em um movimento para que Belinda ficasse quieta.

Não queria que Simon a visse daquele jeito. Ele saberia na mesma hora o que estava acontecendo.

Ou talvez, mais precisamente, o que ia acontecer. Em sete meses e meio, mais ou menos.

– Tudo bem – cedeu Belinda –, mas pelo menos me deixe buscar sua criada. A senhora deveria se deitar.

Daphne vomitou novamente.

– Depois que você terminar – corrigiu Belinda. – Deveria se deitar quando terminar com... *hã... isso.*

– Minha criada – Daphne finalmente concordou.

Maria deduziria a verdade na mesma hora, mas não diria uma palavra a ninguém, empregados ou familiares. E talvez o mais importante naquele momento: saberia exatamente o que levar para ela tomar. Teria um gosto horrível e um cheiro ainda pior, mas acalmaria seu estômago.

Belinda saiu correndo, e Daphne – quando estava convencida de que não poderia haver mais nada em seu estômago – cambaleou até a cama. Procurou ficar absolutamente imóvel; o menor movimento a fazia se sentir como se estivesse no mar.

– Estou velha demais para isso – gemeu Daphne, porque estava.

Com certeza estava.

Se tudo seguisse como o esperado – e por que essa gravidez seria diferente das quatro anteriores? –, ela continuaria tendo enjoos por pelo menos mais dois meses. A falta de comida a manteria esbelta, mas isso duraria apenas até meados do verão, quando ela dobraria de tamanho praticamente da noite para o dia. Seus dedos iam inchar até o ponto em que não poderia mais usar seus anéis, não conseguiria calçar nenhum de seus sapatos, e até mesmo um único lance de escadas a deixaria ofegante.

Ela ia virar um elefante. Um elefante de duas pernas e cabelos castanhos.

– Vossa Graça!

Daphne não conseguia levantar a cabeça, então ergueu a mão, cumprimentando Maria, que estava de pé ao lado da cama, olhando para ela com uma expressão de horror...

... que rapidamente se transformou em desconfiança.

– Vossa Graça – repetiu Maria, dessa vez com uma inflexão inconfundível.

Ela sorriu.

– Eu sei – disse Daphne. – Eu sei.

– O duque sabe?

– Ainda não.

– Bem, não vai conseguir esconder por muito tempo.

– Ele parte esta tarde para passar alguns dias em Clyvedon – disse Daphne. – Vou contar a ele quando voltar.

– Acho melhor a senhora contar a ele agora – retrucou Maria.

Vinte anos no emprego davam a uma criada alguma liberdade para falar de forma franca.

Daphne ergueu cuidadosamente o corpo, ficando em uma posição reclinada, parando uma vez para acalmar uma onda de náusea.

– Pode não vingar – argumentou ela. – Na minha idade, muitas vezes isso acontece.

– Ah, acho que já vingou – disse Maria. – Já se olhou no espelho?

Daphne balançou a cabeça.

– A senhora está verde.

– Pode não...

– A senhora não vai vomitar o bebê.

– Maria!

Maria cruzou os braços e encarou Daphne com um olhar penetrante.

– A senhora sabe a verdade, Vossa Graça. Só não quer admitir.

Daphne abriu a boca para falar, mas não tinha nada a dizer. Sabia que Maria estava certa.

– Se o bebê não tivesse vingado – disse a criada, de maneira um pouco mais gentil –, a senhora não estaria se sentindo tão mal. Minha mãe teve oito bebês depois de mim e perdeu quatro no início. Ela nunca passou mal assim, nem mesmo uma única vez, com aqueles que não vingaram.

Daphne suspirou e assentiu, reconhecendo que a criada tinha razão.

– Mas ainda assim vou esperar – insistiu ela. – Só um pouco mais.

Não sabia exatamente por que queria guardar aquilo para si por mais alguns dias, mas queria. E como era seu corpo que parecia querer se virar do avesso no momento, achava que a decisão de fato cabia a ela.

– Ah, quase esqueci – disse Maria. – Seu irmão mandou um recado. Ele virá à cidade na semana que vem.

– Colin? – perguntou Daphne.

Maria assentiu.

– Com a família.

– Eles devem ficar conosco – disse Daphne. Colin e Penelope não tinham casa na cidade e, para economizar, costumavam ficar ou com Daphne ou com seu irmão mais velho, Anthony, que herdara o título e tudo o que vinha com ele. – Por favor, peça a Belinda que escreva uma carta em meu nome, insistindo que fiquem na Casa Hastings.

Maria fez que sim com a cabeça e partiu.

Daphne gemeu e foi dormir.



Quando Colin e Penelope chegaram, com seus quatro filhos queridos a tiracolo, Daphne estava vomitando várias vezes ao dia. Simon ainda não sabia sobre sua condição; acabara se detendo por mais tempo no campo – algo relativo a uma área inundada – e agora só deveria estar de volta no fim da semana.

Mas Daphne não ia deixar um estômago nauseado impedi-la de cumprir seu irmão preferido.

– Colin! – exclamou, o sorriso eufórico ao ver os familiares olhos verdes e brilhantes. – Já fazia tempo de mais que não nos víamos.

– Concordo plenamente – disse ele, dando-lhe um rápido abraço enquanto Penelope tentava fazer seus filhos entrarem em casa.

– Não, você não pode perseguir aquele pombo! – falou ela com firmeza.
– Sinto muito, Daphne, mas...

Ela correu de volta até os degraus da frente, agarrando o filho Thomas, de 7 anos, pelo colarinho.

– Agradeça por seus pestinhas já estarem crescidos – disse Colin com uma risada, enquanto dava um passo atrás. – Não conseguimos... Santo Deus, Daff, o que há de errado com você?

Nada como um irmão para dispensar o tato.

– Você está com um aspecto lamentável – continuou ele, como se já não tivesse deixado isso claro com sua primeira declaração.

– Só estou um pouco indisposta – murmurou ela. – Acho que foi o peixe.

– Tio Colin!

Colin felizmente voltou sua atenção para Belinda e Caroline, que desciam correndo as escadas com uma decidida falta de graça feminina.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br